

A Santíssima Trindade presente em nossa vida!

Amadas irmãs, amados irmãos, que todas e todos vocês estejam plenos de paz!

Neste domingo (16 de junho de 2019), que sucede o Domingo de Pentecostes, celebramos a festa da Santíssima Trindade, merecendo profunda reflexão de nossa parte, por mais difícil que possa parecer, tendo em vista nossa limitada compreensão. Neste ano, o texto evangélico escolhido é uma narrativa de João, num contexto onde Jesus afirma a seus discípulos, os que estavam com ele naquele momento e todos nós que nos dispomos a segui-Lo, a importância de sua partida e garante a vinda do Espírito Santo, o Paráclito, não apenas como forma de consolo por sua ausência, mas para que possamos por Ele ser ensinados, orientados e fortalecidos, para que melhor possamos enfrentar as adversidades do dia-a-dia.

Convidamos a todas e todos vocês a refletirmos juntos sobre a narrativa de João para o dia de hoje, bem como o mistério da Santíssima Trindade, lembrando-nos da missão estabelecida por Jesus a nós, seus discípulos, juntamente com a sua perene companhia em tal caminhada por meio de seu Santo Espírito. Vamos ler, então, a passagem evangélica de João e nos debruçarmos a respeito.

12Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora. 13Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e vos anunciará as coisas que virão. 14Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. 15Tudo o que o Pai possui é meu. Por isso, disse: Há de receber do que é meu, e vo-lo anunciará. (Jo 16,12-15)

Desde o capítulo 14 do Evangelho de João, Jesus fala aos discípulos, presentes e futuros, confortando-os pela sua partida e, ao mesmo tempo, anunciando aquele que, encaminhado por Ele e pelo Pai, estará sempre presente, em todos e em todo tempo – o seu Santo Espírito. A presença de seu Espírito, o Paráclito, não apenas ocorrerá para consolar seus discípulos, por conta da ausência do Mestre, mas principalmente para ensinar e conduzir, guiando todos os seus seguidores, mostrando-lhes o caminho da verdade e auxiliando-os diante das adversidades do mundo. Jesus chega a dizer que sua partida é o que de melhor poderia acontecer para seus discípulos (Jo 16,7), repito, os da época e os futuros, pois, com ela, passa a ser possível o envio do Espírito Santo, proveniente dEle e do Pai.

Pois bem, o capítulo 16 do mesmo Evangelho é conhecido, não apenas pela continuidade que Jesus dá às suas orientações quanto ao ódio do mundo e as suas adversidades que deverão ser enfrentadas por seus seguidores, mas pela promessa, de forma reiterada, da vinda do seu Santo Espírito, destacando, associadamente, a sua divina missão.

Lembremo-nos que a narrativa de hoje ocorre no contexto da última ceia, mais especificamente, no discurso de despedida de Jesus que antecede a “sua hora”. Após ter construído a comunidade do amor e do serviço (cf. Jo 13,1-17), Jesus apresenta o amor como mandamento fundamental para vida dessa comunidade (cf. Jo 15,9-17), definindo, em seguida, o testemunho de sua Palavra no mundo como a missão de tal comunidade e que, para tanto, será conduzida pelo Espírito Santo (cf. Jo 15,26-27). Na sequência, entretanto, Ele antevê os obstáculos para a realização da referida missão, decorrente de uma ferrenha oposição do mundo que refuta sua verdade (cf. Jo 16,1-4a). Porém, ao apontar o mencionado confronto, promete a vinda do Espírito Santo, para ajudar e fortalecer seus discípulos diante da inevitável perseguição (cf. Jo 16,8-11). Ocorre que, diante dos diversos desafios que certamente ocorrerão, muitas deles até então desconhecidos, a presença do Espírito de Deus ajudará seus seguidores a se desembaraçarem dos mencionados problemas, interpretando-os à luz da mensagem de Jesus (cf. Jo 16,12-15). Assim, fica evidente que o tema fundamental da leitura de hoje relaciona-se com a ajuda do Espírito aos discípulos em sua caminhada pelo mundo e que, por meio dEle, o próprio Cristo Jesus, assim como o Pai, manter-se-ão presentes.

Vejam que, até àquele momento, Jesus vinha conduzindo seus discípulos, orientando-os, mostrando a eles como viver sua verdade, vida plena e em direção à salvação, vida amorosa e de serviço, vida de respeito às diferenças e de acolhida a todos os seres, tendo em vista a presença da divindade em todos por essência. Porém, com a sua partida, pois, apesar de sua natureza divina, encontrava-se “aprisionado” em um corpo humano, não mais estaria na direta orientação de seus seguidores e, mesmo se estivesse, limitar-se-ia àqueles que estivessem fisicamente próximos a Ele. Assim, fez-se necessária a sua partida, para que seu Espírito, que também é proveniente do Pai, seja enviado, passando a habitar em todos os seres.

Devemos nos atentar, ao término da fala de Jesus no texto de hoje, à mensagem que nos informa de onde o Santo Espírito, a ser enviado, buscará as verdades a serem transmitidas: do próprio Jesus (v. 14). Dessa forma, fica clara a continuidade da comunhão entre Jesus e seus discípulos, mantendo sua sempre sintonia com cada um deles. Assim, evidencia-se a função do Espírito: a de realizar a comunhão entre Jesus e seus discípulos, presentes à época e os de todos os tempos, no caminhar pela história. Mas, podemos ir além, ao nos debruçarmos sobre a última expressão do trecho evangélico de hoje (v. 15) que destaca a comunhão entre o Pai e o Filho, a qual atesta tal unidade desde a criação, passando pelo plano salvador do Pai e pela realidade na vida da Igreja, por meio da ação do Espírito Santo.

Assim, como podemos, diante da tal passagem bíblica, refletir sobre a Santíssima Trindade?

Vejamos. Não é por mera ordenação evangélica que comemoramos a solenidade da Santíssima Trindade no domingo subsequente ao de Pentecostes, tampouco devemos aceitá-la como verdade simplesmente por determinação dogmática. Tal solenidade não é um chamado para que, racionalmente, decifremos o mistério contido na existência de “*um Deus em três pessoas*”, mas sim um convite para contemplarmos esse Deus criador, acolhedor, salvador e orientador, e comungarmos desse infinito amor divino.

Somos convidados pelo Evangelho de hoje, mais uma vez, a contemplar o amor do Pai, que se manifesta na doação e na entrega do Filho e que se mantém a nos acompanhar em nossa caminhada histórica por meio de seu Santo Espírito. Tal “história de amor” visa especificamente nossa plena e perene inserção na comunhão com o Altíssimo.

Reflitamos, inicialmente, sobre o mistério da Santíssima Trindade, mistério impossível de ser compreendido plenamente, por conta de nossa limitada mente humana, mas possível de ser percebido e evidenciado, por estar impregnado na Igreja e na Sagrada Escritura, especialmente quando somos iluminados pelo Espírito do Senhor. Este é o mistério de Deus em si mesmo, a fonte de todos os outros mistérios da fé, iluminando-os todos. Mistério que somente se revelou com a encarnação de Jesus Cristo e o envio do Espírito Santo. Ao tentarmos imaginar, ou melhor, compreender tal mistério, fica mais acessível quando o identificamos, não como pessoas distintas e individualizadas, mas por intermédio das ações específicas desse Deus único maravilhoso.

Como criador amoroso de todas as coisas, o Pai se identifica e, por seu amor infinito pela humanidade, deu-nos Jesus Cristo, verbo que se fez carne, para construir no mundo, com sua vida, morte e ressurreição, o próprio reino de Deus, inserindo-nos nele. Mas para que possamos viver plenamente esse reino, e nele perenemente habitarmos, foi-nos enviado o Espírito Santo, auxiliando-nos em nossas limitações, em nossas fraquezas, dando-nos força para compreendermos a presença viva de Deus em nossa vida e mantermo-nos ao seu lado em nossa caminhada neste mundo. Em todos esses momentos, desde todos os tempos, e assim sempre, encontra-se o Deus único e absoluto, nas três pessoas distintas pelas ações divinas em cada um de nós – a criação, a indicação do caminho e o fortalecimento para que ele seja compreendido e seguido.

Lembremo-nos que, ambos os procedimentos divinos, tanto o de dar origem ao Filho, por geração, como o do Espírito Santo por via de amor, ocorreram sem qualquer tipo de sucessão, nem por prioridade, tampouco por posteridade. Todos revestem-se com a mesma eternidade de Deus. Por isso, ao refletirmos sobre a Santíssima Trindade, podemos apontar ao Pai como aquilo que é o Filho, o Filho sendo o próprio Pai, e o Espírito Santo como aquilo que são o Pai e o Filho, ou seja, um só Deus por natureza.

Adicionalmente, reflitamos também sobre a nossa criação à imagem e semelhança de Deus. Não uma imagem física, uma semelhança aparente, mas essencialmente semelhantes. Com isso, há, em cada um de nós, o Deus uno e trino, o Deus Altíssimo e a Trindade Santíssima, com o amor criador do Pai, a salvação redentora de Cristo Jesus e a presença inspiradora do Espírito Santo. Com isso, somos criados para a amorosa comunhão com a Trindade Santa, eternamente presente e viva em cada um de nós. Em decorrência disso, somos incumbidos, de disseminar esse mesmo amor, amor pleno e infinito, transformador e santificador.

Crer no Filho de Deus, crer no Cristo Jesus, crer no Deus vivo e encarnado, representa assumirmos suas ações para o nosso viver, reconhecermo-nos como seus verdadeiros discípulos, caminhando por suas estradas do amor e da autodoação compassiva. Não é uma crença simples na existência física de Jesus histórico. Aponta para que almejemos ser como Ele, é a decisão de nos imbuir de seu próprio Espírito, o Espírito Santo, para que, fortalecidos, possamos dar cabo de nossa missão cristã.

No trecho evangélico de hoje, são-nos apontados o amor do Pai, a presença viva encarnada de Cristo Jesus e a força indutora do Espírito Santo, possibilitando-nos o reconhecimento desse maravilhoso Deus triúno como luz indicadora do nosso caminho à salvação.

Um fraterno abraço,

Rev. Frei João Milton.